

MAIS UM ANIVERSÁRIO

Nesse mês de novembro, **INFORMAÇÃO** atinge 24 anos de circulação ininterrupta.

Preocupada sempre em oferecer conhecimentos doutrinários uma forma agradável e acessível a todos, acreditamos ter atingido este objetivo.

Kardec foi sempre o ponto de referência para a elaboração ou seleção de matérias, artigos, entrevistas ou outros textos.

A produção ou o pensamento de Chico Xavier valorizou sobre maneira o trabalho desses anos.

O número que você começa a ler, por exemplo dedica duas seções à problemática da Mediunidade.

Na primeira, o pesquisador L.Palhano, do Espírito Santo, desenvolve interessante material em torno do tema mediunidade e comunicação.

Na segunda, uma entrevista com o médium F.C. Xavier enfocando ângulos que constituem-se em dúvidas para muitos interessados no assunto.

O próprio Chico contribui com várias reminiscências de sua brilhante trajetória.

O inspirado autor Richard Simonetti, discorre sobre a importância da vinculação do indivíduo às atividades regulares em torno da Doutrina.

Finalmente, **JUVENTUDE** e **EDUCAÇÃO**, complementam o roteiro que esperamos marque o início desta nova etapa.

A EQUIPE

UMA AVALIAÇÃO PRECISA

O conhecimento, na medida que cresce na criatura, amplia sua capacidade de análise.

Luiz Signates é o retrato disso, pois, ostentando a formação em jornalismo, mestre em comunicação pela Universidade de Brasília e doutorando em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, desenvolveu um senso crítico de onde se destaca uma ponderação indiscutível.

Convidado pelo Jornal OPINIÃO, de Porto Alegre (RS), fez uma série de considerações que julgamos oportunas para o conhecimento de nossos leitores. Com a palavra, portanto, **Luiz Signates**.

Como você vê o panorama geral do Movimento Espírita?

Signates - O Espiritismo brasileiro, que modificou a prática original em diversos aspectos, agigantou-se, comparativamente à sua presença em outros países, e, por isso, se tornou hegemônico. Não há decisão importante para o Espiritismo no mundo hoje que não tenha que passar pelo Brasil. Mas, não estou entre os que consideram as alterações sofridas na prática espírita como "**distorções**", como é comum se conceber entre vários companheiros. As mudanças históricas são inevitáveis. É um truísmo ingênuo querer que o pratiquemos hoje do mesmo modo que Allan Kardec, sem estarmos na França, nem no século 19. O que houve é que a idéia espírita se adaptou ao Brasil, se "**abrasileirou**" no contato com as formas típicas de religiosidade existentes aqui (o catolicismo e os cultos afro-brasileiros) e ao se inserir de forma pragmática nas condições sócio-econômicas do país (daí o forte caráter assistencialista). Sociólogos e antropólogos admitem também que o Espiritismo como que se adaptou à alma brasileira, ao produzir uma ponte ideológica entre as crenças mágicas dos escravos e as concepções teológicas católicas, dando, nesse sentido, uma significativa contribuição para que se consolidasse a mestiçagem

como uma característica básica da identidade cultural brasileira. O problema é que a institucionalização do Espiritismo adquiriu os contornos religiosos tradicionais, de tendência à dogmatização de textos e ritualização de práticas, que se revelam claramente na ideologia da pureza doutrinária", a qual movimenta processos de inclusão e exclusão em tomo da identidade espírita. Mas, também interpreto isso como produto de uma necessidade histórica, decorrente da perda do aspecto científico da prática espírita. Carente de pesquisa séria, capaz de produzir conhecimentos novos e sólidos, o Espiritismo brasileiro não teve outra opção, diante da ameaça das redes interpretativas que se formaram com a sua expansão, senão restringir-se acriticamente aos textos consagrados e às práticas por eles referendadas, que só não culminaram em estagnação ritual e dogmática, graças às renovações proporcionadas pela impressionante contribuição mediúnic de Chico Xavier.

Esse modelo, contudo, se serviu a um momento histórico específico, tende a entrar em crise agora, razão pela qual é preciso que o Movimento Espírita reflita sobre suas formas de produzir conhecimento e sobre as possibilidades de flexibilização de suas práticas, se não quiser perder o bonde da his-

tória.

O que você acha necessário para que as idéias espíritas sejam inseridas nos currículos universitários?

Signates - Qualquer idéia que pretenda ser considerada no meio científico deve se submeter ao tratamento científico. Não basta a mera retórica acadêmica, a mera adaptação do discurso espírita consagrado a jargões do meio universitário. A idéia, pois, da "**divulgação doutrinária**" é incompatível com as possibilidades de interlocução científica. Enfim, é preciso fazer pesquisa de verdade. Produzir ciência. E é aí que residem as nossas maiores dificuldades. Primeiro: porque mesmo entre os intelectuais espíritas (que normalmente são oradores e escritores), raramente se encontra alguém com disposição e capacidade para fazer pesquisa; "falta-nos massa crítica" e, num círculo de reprodução desse problema, carecemos também de instituições e atividades que formem pesquisadores. Segundo, há um desestímulo a essa pretensão dentro mesmo da prática espírita; uma certa concepção de que o trabalho intelectual é inútil, ocioso, palavroso, vaidoso e que, se persistirmos nele, podemos até perder a encarnação", o que configura uma contradição impressionante num movimento que privilegia tanto o livro e o estudo. E, terceiro, porque ainda prevalece o que tenho chamado de "ideologia da incompetência humana", ou seja, uma concepção enganosa de que produzir conhecimento espírita é tarefa exclusiva de desencarnados. Esta visão ignora que os processos de comunicação e construção de conhecimento nunca podem ser unilaterais ou monológicos. Como se nota, a ausência de percepção acadêmica das preocupações espíritas não é um problema que possa ser resolvido por "**técnicas de divulgação**". É uma questão estrutural, que envolve o nosso

modo de pensar e praticar o Espiritismo e de nos relacionarmos com os campos de conhecimento. Eis a razão pela qual tenho insistido junto aos companheiros que se preocupam com essas questões sobre a importância de priorizarmos a produção de um tipo específico de ciência: a sócio-histórica, e, dentro dela, desenvolvermos uma autêntica sociologia de Movimento Espírita, capaz de produzir uma autoreflexão do espírita sobre si mesmo, seu pensamento e sua organização.

Qual deveria ser a postura dos espíritas e do Movimento Espírita com relação ao futuro do Espiritismo?

Signates - Acredito que seja fundamental compreendermos duas coisas: primeiro, que o futuro do Espiritismo não está em seu passado, mas em seu presente, e, segundo, que é feito de práticas e não somente de idéias e palavras. Explico-me. Devemos substituir a prioridade de recuperação de um passado místico, onde supostamente havia uma pureza original (o "**mito do eterno retorno**", com que a Antropologia caracteriza o pensamento religioso, que fazemos a partir da canonização de textos fundadores) pela concepção de busca prática, de uma ética vivida, cotidiana, de fraternidade, fundada na convivência das heterogeneidades em regime de diálogo, no âmbito do presente. Há às vezes, entre nós, muita conversa, muito policiamento doutrinário, e pouca prática. Ora, o Espiritismo se revela é no que fazemos de nós mesmos e de nossas relações com os outros, e não simplesmente na fidelidade ao seu sistema de crenças, por melhor que este seja, ou na marcação de posições políticas em relação aos rumos do Movimento. Não quero, é claro, dizer com isso que devemos descurar-nos das questões teóricas, mas sim que devemos priorizar a prática de uma ética do amor, a fim de que o nosso debate não decaia em mero farisaísmo.

PARA SEMPRE NA MEMÓRIA 11 - Últimos e Primeiros

Interexistente foi a definição de Herculano Pires para o médium Francisco Cândido Xavier. Vivendo desde a infância entre dimensões ou mundos paralelos, Chico tem relatos de experiências extraordinárias, muitas delas registradas em livros organizados por amigos e pesquisadores.

Algumas destas envolveram escritores, poetas, Espíritos que enquanto encarnados mantiveram contato com o médium.

Suas lembranças, serão objeto de sua apreciação neste mês.

“Ao longo desses anos em que tenho ido a Uberaba, conheci muita gente. Gente boa, gente meio boa e gente menos boa. Algumas o tempo vai apagando lentamente, mas jamais teriam força suficiente para apagar de minhas lembranças a figura encantadora que vocês vão passar a conhecer. Numa daquelas madrugadas, quando as sessões do Chico se estendiam até ao amanhecer, vi-o pela primeira vez. Naquelas filas quase intermináveis que se formavam para a despedida ou uma última palavrinha ainda que rápida com o Chico, ele chamou-me a atenção pela alegria com que expressava a sua vez. Vinha com passos cansados, o andar trôpego, a fisionomia abatida, mas seus olhos brilhavam à medida que se aproximava do Chico. Não raro, seu contentamento se traduzia em lágrimas serenas, finas copiosas. Trajes muito pobres, descalço, pés rachados indicando que raramente teriam conhecido um par de sapatos. Calça azul, camisa verde, com muitos remendos; um paletó de casemira apertava-lhe o corpo franzino. Pele escura, cabelos enrolados, nos lábios uma ferida. Chamava-se Jorge. Creio que deve ter tomado poucos banhos durante toda sua vida. Quando se aproximava, seu corpo magro, sofrido e mal alimentado exalava um odor desagradável. Em sua boca, alguns raros tocos de dentes, totalmente apodrecidos.

Quando falava, seu hálito era quase insuportável. Ainda que não se quisesse, tinha-se um movimento instintivo de recuo. Quando se aproximava, tínhamos pressa em dar-lhe algum trocado para que ele fosse comprar pipoca, doce ou um refrigerante, a fim de que saísse logo de perto da gente.

Jorge morava com o irmão e a cunhada num bairro muito pobre. Urna favela, quase um cortiço. Seu quarto era um pequeno cômodo anexado ao barraco do irmão.

Algumas telhas, pedaços de tábuas, de plástico, folhas de latas, emolduravam o seu pequeno espaço. O irmão e a cunhada eram bóias-frias. Jorge ficava com as crianças. Fazia-lhes o mingau, trocava-lhes os panos, assistia-os. Alma assim caridosa, acredito que sofresse maus tratos. Muitas vezes o vi com marcas no rosto e ainda hoje fico pensando se aquela ferida permanente em seu lábio inferior não seria resultante de constantes pancadas. O Chico conversava com ele cinco, dez, vinte minutos. Nas primeiras vezes, pensava: Meu Deus, como é que o Chico pode perder tanto tempo com ele, quando tantas pessoas viajaram milhares de quilômetros e mal pegaram em sua mão? Por que será que ele não diminui o tempo do Jorge para dar mais atenção aos outros?

Somente mais tarde fui entender que a única pessoa capaz de parar para ouvir o Jorge era o Chico. Em casa, ele não tinha com quem

conversar; na rua, ninguém lhe dava atenção. Quase todas as vezes em que lá estava, lá estava ele também. Assim, por alguns anos habituei-me a ver aquele estranho personagem, que aos poucos foi-me cativando. Hoje, passados tantos anos, ao escrever estas linhas, ainda choro. "A gente corre o risco de chorar um pouco, quando se deixou cativar", não é mesmo?

Nunca ouvimos de sua boca qualquer palavra de queixa ou revolta.

Seu diálogo com o Chico era comovente e enternecedor.

-Jorge, como é que vai a vida?

-Ah! Tio Chico, eu acho a vida uma beleza!

-E a viagem foi boa?

-Muito boa, Tio Chico. Eu vim olhando as flores que Deus plantou no caminho para nos alegrar.

-O que você mais gosta de olhar, Jorge?

-O azul do céu, Tio Chico. Às vezes fico pensando que o Sinhô Jesus tá me espiando.

Depois, Jorge falava da briga dos gatos, da goteira que molhou a cama, do passarinho que estava fazendo ninho em seu telhado.

Quando pensava que tudo havia terminado, o Chico ainda dizia:

-Agora, o nosso Jorge vai declamar alguns versos.

Eu chegava até me virar na cadeira, perguntando a mim mesmo: onde é que o Chico arruma tanta paciência.

Jorge declamava um, dois, quatro versos.

-Bem, Jorge, agora para nossa despedida, declame o verso de que mais gosto.

-Qual, Tio Chico?

-Aquele da moça, Jorge.

-Ah! Tio Chico, já me lembrei, já me lembrei. Naquelas horas, o Centro continuava lotado. As pessoas se acotovelavam, formando um grande círculo em torno da mesa.

Jorge colocava, então, o colarinho da camisa para fora, abotoava o único botão de seu

surrado paletó, colocava as mãos para trás à semelhança de uma criança quando vai declamar na escola ou perante uma autoridade, olhava para ver se o estavam observando e sapecava, inflado de orgulho:

"Menina, penteia o cabelo,
joga as tranças prá cacunda.
Queira Deus que não te leve,
de domingo prá segunda".

Quando Jorge terminava, o riso era geral. Ele também sorria. Um sorriso solto e alegre, mas ainda assim doído, pois a parte inferior de seus grossos lábios se dilatava, fazendo sangrar a ferida. Aí ele se aproximava do Chico, que lhe dava uma pequena ajuda em dinheiro. Em todos aqueles anos, nunca consegui ver quanto era. Depois, colocava o dinheiro dentro de uma capanga, onde já havia guardado as pipocas, os doces, dando um nó na alça de pano. Para se despedir, ele não se abraçava ao Chico, ele se jogava todo por inteiro em cima do Chico. Falava quase dentro do nariz do Chico e eu nunca o vi ter aquele recuo instintivo como eu tivera todas as vezes. Beijava a mão do Chico, que beijava a mão e a face dele, ao que ele retribuía, beijando os dois lados da face do Chico, onde ficavam manchas de sangue deixadas pela ferida aberta em seus lábios. Nunca vi o Chico se limpar na presença dele, nem depois que ele se tivesse ido. Eu, que muitas vezes, ao chegar à casa dele, molhava um pano e limpava o que passamos a chamar carinhosamente de "o beijo do Jorge". Não saberia dizer quantas vezes pensei em levar um presente ao Jorge. Uma camisa...um par de sapatos.. .uma blusa. Infelizmente, fui adiando e o tempo passando. Acabei por não lhe levar nada. Lembro-me disso com tristeza e as palavras do Apóstolo Paulo se fazem mais fortes nos recessos de minha alma: **"Façamos o Bem, enquanto temos tempo"**. Enquanto temos tempo. De repente, fica tarde demais. O Jorge desencarnou.

SERVIÇO

Desencarnou numa madrugada fria. Completamente só em seu quarto. Esquecido do mundo, esquecido de todos, mas não de Deus. Contou-me o Chico que foi este nosso irmão de pele escura, cabelos enrolados, ferida nos lábios, pés rachados, mau cheiro, mau hálito que, ao desencarnar, Nosso Senhor Jesus Cristo veio pessoalmente buscar. Entrou naquele quarto de terra batida, retirou o Jorge do corpo magro e sofrido, en-

volto em trapos imundos, aconchegou-o de encontro ao peito e voou com ele para o espaço, como se carregasse o mais querido de seus filhos.

"ESTAREI CONVOSCO ATÉ O FIM DOS SÉCULOS"

"NÃO VOS DEIXAREI ÓRFÃOS"

Ele não faria uma promessa que não pudesse cumprir.

NÓS, O BEM E OS ESPÍRITOS SUPERIORES

"Tristeza, na essência, é um desafio da vida à nossa vontade de trabalhar".

Emmanuel

"Quando a idéia de rebeldia te visitar a cabeça, procura dentre as utilidades que te servem, algum dos remanescentes de minérios, plantas e animais que não haja passado pelo sofrimento".

Lívio Pereira da Silva

"O amor para ser amor não estranha o sacrifício".

Eufrácia Ferreira

"Pede a Deus te livre do desânimo com o fervor de quem roga socorro à intromissão de uma praga".

Fausto Lex

WWW.SINTONIAMENTAL.COM - NAVEGUE NESTA ONDA

DETERMINISMO E LIVRE ARBÍTRIO MISERICÓRDIA E JUSTIÇA

Henrique Rodrigues

No livro **"PONTOS E CONTOS"**, Irmão X narra a história de um brilhante advogado que jamais conhecera derrotas. Sua palavra sugestiva aliada ao magnetismo pessoal denotava apurada cultura. Não obstante o talento privilegiado, diante do dinheiro, do pagamento farto, não vacilava na defesa do mal. Forçava interpretações contrárias às leis, ladeava artigos e acabava invariavelmente levando a triunfo espetacular a mais absurda causa. Chamavam-lhe **"GRANDE CABEÇA"**. Os colegas temiam-no e não lhe regateavam respeito e consideração.

A experiência terrestre passou e a morte o recolheu envolvido em extensa rede de compromissos. Muito tarde compreendeu os tortuosos caminhos que traçara a si mesmo. Sofreu e chorou atormentado pelas vítimas de sua inteligência e pelos crimes cometidos com as armas intelectuais.

Daí a algum tempo novamente respirava a atmosfera terrestre. E pela inesgotável justiça das leis da Vida, aquele advogado de inteligência brilhante podia ser identificado por Seres Espirituais, colado a triste carrinho de rodas, apresentando um crânio terrivelmente deformado pela hidrocefalia, a fim de curar os desvarios da **"GRANDE CABEÇA"**. Uma pessoa menos avisada, observando o sofrimento daquela criança, exclamaria revoltada: É por isso que não acredito em Deus! O que fez este garotinho para merecer tamanho castigo?

Tais anomalias constituem angustiada incógnita que a Humanidade não sabe a que atribuir e precipitadamente debita à conta de Deus. É que para a maioria, o jogo da vida consiste na busca do prazer e fuga à dor. Mas o caso não é tão simples. Estamos diante de leis que funcionam com incrível precisão e compete a nós procurar descobrir e entender seu funcionamento. Se não admitirmos a eternidade do Ser humano, a vida como escola, um código de justiça permanentemente presente, jamais poderemos compreender a aparente injustiça das leis da Vida. Em Belo Horizonte,

participamos de um debate que tratava do assunto de anormalidades congênitas. O padre teve a sinceridade de dizer que o Catolicismo não opina sobre o fato. Não possuía outra explicação a não ser que se atribuísse aos desígnios de Deus, "e esses são insondáveis". O pastor disse que tudo está explicado na Bíblia: Deus pune na descendência o erro dos pais até a décima geração (absurdo gigantesco!) Nós dissemos que a causa existe porque o Ser é eterno. E a reação punitiva funciona por si mesma porque está contida no próprio erro e em quem o praticou. Hoje em dia, falar em causa e efeito não é apelar para a boa vontade de quem quiser acreditar. Há quem creia que basta negar uma verdade para que ela deixe de existir, que basta ignorar as leis da Vida para que elas deixem de funcionar. Mas não é bem assim. Mesmo as maiores descobertas científicas não existem para o homem até que ele adquira maturidade para conhecê-las. Não há fumaça sem fogo. Não há efeito sem causa. A Lei de Causa e Efeito é outra expressão da Lei do Determinismo e Livre Arbítrio. O Ser humano se confunde ao tentar observar separadamente o determinismo e o

livre arbítrio. Não é possível porque eles estão interligados, assim como muitas outras coisas, por exemplo: Onde começa a luz e onde termina a treva? Não há um ponto exato de referência. Onde termina o frio e onde começa o calor? Zero grau é frio? É. Mas em relação a trinta graus abaixo de zero, zero grau chega a ser calor. No mundo instável em que vivemos, o homem está aprisionado entre infinitos. Assim também não pode perceber os limites do determinismo e do livre arbítrio, não pode tocá-los separadamente. O que pode observar é o predomínio maior de um aspecto sobre o outro. Como qualificar a questão do determinismo e do livre arbítrio? Vamos dizer que o determinismo é a Lei e o livre arbítrio é o indivíduo. A Lei tem uma dimensão profunda porque está fora do Ser e dentro dele também. Temos um grande número de leis funcionando perfeitamente dentro de nós, quer as conheçamos ou não. Há uma lei que nos obriga à alimentação, outra que nos leva ao descanso. Temos que respirar, o coração deve bater compassadamente. Para tudo existem leis tão precisas que permitem, por exemplo, a um médico, diagnosticar uma enfermidade quando as leis apresentam variações nas chamadas disritmias. O livre arbítrio do indivíduo está condicionado a leis. Vamos exemplificar com analogias para facilitar a compreensão: Existe a lei da gravitação, O piloto é livre de, estando o avião bem alto, desligar os motores. Mas a lei determina que o avião caia. O indivíduo é livre para viajar de uma cidade a outra utilizando-se de qualquer meio de transporte. O avião vai em linha reta, chega mais rapidamente. Se preferir a estrada, terá que passar por todas as voltas que a rodovia apresenta. O Ser é livre para escolher o alimento que quiser, mas se escolher mal, ficará preso às conseqüências. Se alguém quiser, pode beber um copo de querosene, o livre arbítrio o permite, mas não

tardam as conseqüências: Determinismo, do uso indevido que se fez dele. Se pretendemos fazer uma viagem, é de bom alvitre, para evitar contratempos, que examinemos as condições gerais do veículo, e que consultemos um mapa. Distração ou desconhecimento da estrada, levam o indivíduo a cometer erros.

Ao trilhar a estrada da vida, analogamente, o homem deverá tomar as devidas precauções a fim de evitar enganos. Se errar, a justiça determinará que ele tome consciência do engano cometido. Não se trata de punição, e sim que saiba da existência da lei que foi violada por ele. A lei só se faz presente quando sentimos seu peso sobre nós. Este é o aspecto da justiça. E onde a misericórdia? A misericórdia está no fato em que se pode voltar atrás e refazer o que foi mal executado. A vida não aniquila o indivíduo que trilhou o caminho errado. A evolução segue entre erros e acertos. Os erros são os desvios da estrada. A mesma estrada que nos leva aos desvios possibilita o retorno ao ponto exato para reiniciarmos a viagem. Por isso dizem que quem semeia ventos, colhe tempestades. Quem espalha pedras pelo caminho terá que retornar machucando-se nas pedras que espalhou. O mal que se fala aos outros é muito menor que o que se termina a fazer a si mesmo. Assim ocorre em relação ao Bem, pelas trajetórias positivas que são autoconstrutivas. Temos que evoluir: isso é determinismo. Na estrada da vida existem as ramificações dos vícios e erros, mas eles não impedem que a evolução se processe. Mesmo os enganos nos transmitem vastíssimos conhecimentos. O determinismo coloca-nos na via da evolução e o livre arbítrio nos permite a escolha do meio de transporte, mais lento ou mais rápido. O determinismo não é algo imposto por Deus. E construído por nós. Se o livre arbítrio me permitiu trilhar o caminho errado, o determinismo se fará

presente, dando-me a oportunidade de refazê-lo. Alguém poderá argumentar: Se as leis da Vida nos obrigam à evolução, onde fica o livre arbítrio? O problema é que as leis da Vida compreendem que no grau evolutivo em que nos situamos, ainda não sabemos utilizar, com acerto, o nosso livre arbítrio. Daí a elasticidade das leis, caracterizando a Misericórdia. Em geral, o indivíduo pensa que o livre arbítrio é "fazer o que eu quero". Ele faz, e depois não gosta das conseqüências. Na nossa trajetória, isso é um retorno, que também se chama dor. A dor é a campainha de alarme que nos adverte onde está o erro, isto é, a negatividade a ser corrigida. A evolução nos trouxe de formas de vida primitivas (evolução paleontológica, antropológica, etc.) com uma extraordinária sabedoria e sem consultar nossas vontades. Aliás, quanto mais involuído é o Ser mais está sujeito ao determinismo da lei. Quanto mais evoluído, tanto mais terá adquirido consciência da Lei, seguindo-a espontaneamente. Porque entenderá que aí está o seu interesse e a sua felicidade. *"A liberdade de cada homem pode comparar-se à dos peixes de mover-se nas águas de um rio. Quando pudermos conhecer o caminho do rio, o que corresponde a leis simples, saberemos também o caminho obrigatório de todos os peixes livres que estão lá dentro. Então, quanto mais nos afastarmos do pormenor e de uma visão analítica das coisas, ou seja, quanto mais concebermos por síntese que é o processo da intuição, tanto mais nos aproximaremos do determinismo da Lei"*. ("Profecias", Ubaldi). Assim, com conhecimento de causa, poderemos participar do processo da própria evolução, colaborando efetivamente com ela. Ubaldi diz que o indivíduo evolui querendo ou não querendo. A lei é invisível aos nossos olhos, mas podemos percebê-la através de nossa sensibilidade espiritual. O nosso livre arbítrio deveria colaborar para que a nossa evolução se pro-

cessasse de maneira mais rápida. Dentro da Vida, há os que se esforçam mais, outros menos. A justiça não pode dar o mesmo a todos se os esforços são diferentes. De fato, a Vida nos leva de qualquer forma através do rio da evolução, mas se nadarmos a favor da corrente, chegaremos mais depressa. Portanto, a união entre o impulso da lei e o próprio impulso, acelera o ritmo evolutivo. Nesse caso, não seremos mais penitentes encarcerados, mas livres e conscientes colaboradores da Lei. *"A lei é como um espelho. Ela em si é invisível como ele, que por si permanece vazio e nele nada se vê senão a imagem refletida"*. Diante deste espelho, comparemos com a imagem do nosso comportamento, de nossas deficiências e potencialidades, refletindo o nosso grau evolutivo. O importante é que, desde que nos esforcemos, poderemos fazer os retoques necessários em nossa própria imagem. O Ser humano nada cria nem desloca, a não ser a própria posição evolutiva. Desde que nascemos, vamos percorrendo a trajetória de erros e acertos. À proporção que o indivíduo se modifica, o espelho das leis da vida vai registrando o enriquecimento de seu patrimônio individual. Se existisse só misericórdia, perdão infinito, nunca haveria a reforma. Até em relação às crianças não se deve dar sempre o perdão, pois esta atitude geraria indisciplina. Em tempo de guerra, um marinheiro, em alto-mar, acendeu um cigarro no tombadilho, mesmo sabendo ser proibido. Uma claridade no meio do oceano é mira certa para o inimigo que espreeita. Resultado: oito dias preso no porão do navio por ter colocado em risco a vida dos tripulantes, além da sua. Causa e efeito em perfeito funcionamento. A justiça humana copia muito mal as diretrizes do Mundo Espiritual. Mas mesmo com alguns erros e imperfeições, não deixa de ter o seu valor. Assim como teve a sua utilidade a atemorização pregada pelas religiões antigas.

Disciplinou a convivência entre seres atrasados, reprimindo tendências de verdadeiros homens-feras. Na verdade, a justiça divina tem mil recursos para punir quem errou. As leis da Vida não escravizam, mas protegem o Ser humano. E é para protegê-lo que o faz sofrer. Se o fogo não chamuscasse não seria evitado, e poderia causar a morte sem que a pessoa se apercebesse do perigo. O homem tem a lei inscrita em si mesmo. Assim, ninguém a programará, a não ser ele mesmo. No momento em que alguém determinasse, o homem não teria mérito nos acertos e nem culpa nos enganos. " *O destino não é senão o desenvolvimento de uma trajetória lançada por nós mesmos anteriormente e a cujo percurso estamos inexoravelmente ligados pela lei de causa e efeito. Uma vez que nos lançamos em determinada direção é impossível não segui-la até o fim. Eis por que o destino se nos apresenta com tais características de fatalidade*". ("**A técnica funcional da lei de Deus**", Ubaldi). A justiça está sempre presente mesmo que o acerto de contas não seja imediatamente posterior ao engano cometido. A Misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. Os moinhos da Vida moem devagar, numa seqüência quase imperceptível dos dias, mas nunca param de moer. E o indivíduo vai sendo burilado. Sempre será melhor amanhã do que é hoje. As provas estão aí, claras e inofensíveis, mas de que valem as provas? Não convencem a ninguém. O que convence é a capacidade para compreendê-las. Carlos de Laet, respondendo a um materialista que não via Deus em parte alguma, declara: *E eu não vejo nenhum lugar onde ele não esteja!* Pontos de vista diversos, graus evolutivos diferentes. Definição

científica: Deus é o conjunto de todas as leis, conhecidas e desconhecidas que funcionam perfeitamente e que já existiam muito antes de tomarmos conhecimento delas. A vida se reveste de extraordinária beleza quando se compreende que não estamos entregues ao acaso. **A vida é causal e não casual**. Se existisse o acaso, qual seria o mérito de um sábio ou santo e qual a responsabilidade de um criminoso? Nenhuma! Partindo-se de um conceito de Eternidade, determinismo e livre arbítrio, misericórdia e justiça, vê-se que a justiça das leis da Vida é infinitamente superior à justiça terrena. A Humanidade caminha entre acertos e desacertos. Às vezes, o que parece retrocesso é, na verdade, sedimentação de conquistas. Como já tivemos ocasião de afirmar anteriormente, o Cristianismo cresceu porque seus adeptos foram agredidos, martirizados. O enfraquecimento surgiu quando passou de vencido a vencedor. A conquista enfraquece o vitorioso. Isto é fatal. O opressor tem que vigiar, manter, alimentar o oprimido. Este, se torna um peso tão grande que acaba por ser libertado pelo opressor. É o fenômeno de ação e reação, causa e efeito, sempre presente. É a luta da ignorância contra a esperteza. O ignaro deve sofrer para sair da ignorância e o esperto precisa ser punido para compreender que aquela sagacidade não é justa e lhe trará conseqüências negativas. A Vida não se importa com a opinião dos seres humanos. **O eu acho** é um direito adquirido dentro do livre arbítrio, mas, evidentemente, define o próprio indivíduo e não o que ele tenta explicar...

FONTE
Rodrigues, Henrique; "A PSICOBIOFÍSICA E OS PROBLEMAS HUMANOS"; ed. FREITAS BASTOS

SINTONIA MENTAL - WWW.SINTONIAMENTAL.COM

O TRABALHO NA CASA ESPÍRITA

Roosevelt Pinto Sarnpaio

O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir. Jesus (Marcos 10:45)

Ouvimos constantemente declarações de irmãos nossos de que anseiam por trabalhar na caridade, assistência social, nas múltiplas tarefas que as Casas Espíritas desenvolvem. Aqueles que se dizem prontos a servir nesse sentido de atividade devem ter urna certeza em mente: **NAO HÁ ESCOLHA DO TIPO DE TRABALHO.**

O correto é que aceitemos e nos dediquemos a qualquer tarefa que nos for indicada, desde que ao alcance de nossas condições reais.

As Casas Espíritas, em sua grande maioria, estão sempre precisando de voluntários para o trabalho do Bem. Suas diversas tarefas exigem grande número de trabalhadores.

Deve ficar claro, no entanto, que a proposta de trabalho não deve ser avaliada quanto a sua importância relativa pelo pretendente.

A pretensa pequena tarefa é sempre tão importante quanto as demais. É impossível querer classificar tarefas por ordem ou valor. Todas, das que julgamos menores e as que, às vezes, nos parecem maiores são igualmente grandiosas e têm grande valor para o funcionamento das Casas Espíritas. Todo trabalho é importante por mais insignificante ou menor possa parecer, e muito deveremos ao envolvimento que nela tenhamos. Certo é que ela exigirá a mesma aplicação que qualquer outra missão exige. A Casa funciona pelo seu conjunto de ações e a Espiritualidade necessita de colaboradores encarnados que a movimentem, criando ou apoiando o ambiente material purificado para que no outro plano ela possa estar atuando como mais um Posto de Socorro. O que, verdadeiramente, é importante é o engajamento nas diferentes tarefas da Casa Espírita com afinco e com amor, quaisquer que seja ela. Entendamos que é importante persistir e perseverar no trabalho, contribuindo para o bom funcionamento da Casa e, ao mesmo tempo, estarmos armazenando bonus pelo trabalho prestado. Costumamos, no dia-a-dia, ver

diversas formas de engajamento. É comum o caso de muitos companheiros que chegam e se lançam a trabalhar arduamente mas, aos poucos, aquele entusiasmo se apaga e o esmorecimento faz com que esses companheiros se entreguem, cada vez mais, a uma apatia e cheguem à fuga dos compromissos, culminando, na maioria das vezes, por se afastar da Casa. Outros por sua vez, freqüentam a Casa anos a fio sem se envolver com nenhuma atividade da Casa, limitando-se a participar das reuniões públicas. Se convidados alegam falta de tempo ou incapacidade para desenvolver as tarefas precisas. E há, ainda, aqueles que primeiro observam, buscam se integrar intimamente na atmosfera de trabalho da Casa e, aí sim, se propõe aos trabalhos. Esses, com raríssimas exceções, são aqueles que se mantêm ativos, reconhecendo a importância da persistência, do labor, da continuidade nesse tipo de tarefa. Reforcemos: tudo tem a sua importância. Mentalizemos que existe uma grande engrenagem e devemos estar certos de que somos apenas parte dela. As Casas Espíritas estão precisando de todos e dão a todos a

mesma valorização. O que importa é proporcionar condições favoráveis para que o Posto de Socorro que funciona paralelamente ao Plano da Terra possa cumprir uma missão de caridade, de assistência, de educação e amor. Somente em uma Casa de encarnados verdadeiramente compromissados com os trabalhos de divulgação da Doutrina, da caridade e da educação isso será possível. Vamos contribuir! Não importa ser apenas um tijolo na construção total, ele é importante

porque faz parte do todo, tem a sua função e a condição de apoiar e ser apoiado.

A criatura que serve por prazer de ser útil progride sempre e encontra mil recursos dentro de si mesma, na solução de todos os problemas (..) Se há mais alegria em dar do que em receber, há mais felicidade em servir que em ser servido.

Busquemos, pois, o trabalho, persistamos, nos entreguemos a ele e o Mestre nos irá recompensar!

RECOMENDAÇÕES OPORTUNAS

“Sofrimento é a pausa que o tempo nos concede para refletir”.

Adelino de Carvalho

“Auxilia aos outros enquanto puderes, porque chega sempre para nós determinado tempo em que necessitamos do alheio auxílio”.

Francisco de Souza Leão

“O relógio não é somente um marcador de minutos; é igualmente um amigo tentando ensinar-nos disciplina e atenção”.

Batuíra

**PROJETE-SE EM NÍVEIS DE
CONHECIMENTO IMPREGNADOS DE MUITA
ESPIRITUALIDADE, NAVEGANDO NO
WEBSITE
WWW.SINTONIAMENTAL.HPG.COM.BR**

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção **JUVENTUDE** para encontrar o esclarecimento que Você procura.

MORTE E RESIGNAÇÃO

Os espíritas pregam a resignação diante do sofrimento e da morte. Quando aceitamos a morte com resignação não estamos nos declarando impotentes diante da vida?

Somos impotentes diante de muita coisa e precisamos aprender a aceitar os nossos limites, sabendo que não podemos tudo. Quem de nós poderá evitar a morte? Quem poderá dominar as leis da vida? Se não aceitarmos a existência de Deus, o Supremo Poder, estaremos menosprezando o valor da vida e o valor do homem, uma vez que ele nada mais será do que mera obra do acaso. Assim, a nossa impotência maior é aquela que surge da incapacidade de conceber Deus e a continuidade da vida, porque, aceitando a morte como o fim e a vida sem um sentido divino, na verdade, nada mais nos restará que lamentar nossa triste sorte, chorar ou nos desesperar, uma vez que o nosso tudo redundará em nada. A resignação é uma forma de nos adaptar momentaneamente às condições que não podemos mudar, mas o conhecimento espírita que embasa essa resignação nos dá a certeza de que a vida não termina com a morte do corpo e que, portanto, aí não existe mero conformismo,

mas compreensão de que a experiência da desencarnação é necessária para alcançarmos uma situação melhor.

TEORIA E PRÁTICA

Se o conhecimento valesse, médico não fumava. No entanto, muitos médicos fumam, demonstrando que o fato de que o saber não muda o comportamento humano. A partir daí, podemos concluir que o Ser humano é assim em tudo. Não basta saber, é preciso mudar. O que fazer?

O conhecimento é, sem dúvida, o primeiro passo para a transformação do homem, mas, incontestavelmente, não é o último. Sabemos muitas coisas boas, mas bem poucas praticamos, porque temos dificuldade de transformar esses conhecimentos em valores efetivos de vida. Foi por isso que Jesus, mui apropriadamente, antecipava às suas afirmativas a seguinte expressão, "*Veja quem tem olhos de ver, ouça quem tem ouvidos de ouvir*", ou seja, nem todos os olhos e ouvidos que vêem e ouvem estão preparados para se apropriar do conteúdo moral da Verdade; apenas constataam, mas não aplicam. Percebendo essa natural dificuldade do aprendiz, Jesus, como um bom Mestre, conduziu seus discípulos à prática do Bem,

JUVENTUDE

quer dizer, ao exercício pleno dos princípios que ensinava. De que valeria Jesus falar em amor ao próximo, se ele mesmo não desse conta disso? De que valeria recomendar aos discípulos que amassem seus semelhantes, se não lhes pusessem às mãos a oportunidade do trabalho em favor do próximo, para se modificarem. Jesus não concebia a teoria sem a prática, nem a prática sem a teoria. Em razão disso, estimulava os discípulos a fazer o Bem, a vivenciarem o que estavam aprendendo e o que iriam ensinar. Esta é a forma pela qual cada um de nós pode se melhorar moralmente, alimentando-nos de conhecimento e aplicando-o imediatamente à prática da vida, começando aqui e agora, desde as relações familiares ao contato com os mais estranhos. Assim, o primeiro degrau para a transformação se chama convencimento (confiança plena naquilo que está aprendendo), ao que se segue a aplicação da teoria e a sua repetição constante, para que se formem novos esquemas de comportamento em nosso modo de conviver.

MORTE PREMATURA

Por que pessoas boas morrem cedo? Será porque Deus precisa delas do lado de lá?

É possível que exista alguma relação entre a bondade e a duração da vida na Terra. No Velho Testamento da Bíblia, lavé, o deus hebreu, assim mandava: "*Honra vosso pai e*

vossa mãe para que longos sejam os vossos dias na Terra". No entanto, vemos pessoas boníssimas, que amam seus pais, que honram seus familiares, partem cedo desta vida e outras, que até desprezam ou abandonam ao pai, sem nenhuma consideração ou respeito por eles, terem uma vida longa neste mundo, prova de que o mandamento de Moisés não estava muito bem formulado, pois, ele não sabia conceber uma vida além desta. Pela lógica, quanto mais elevado moralmente o Espírito menos precisa da encarnação. Mas, na verdade, cada caso é um caso e precisa ser analisado individualmente: não devemos generalizar.

O que existe atrás desse mecanismo encarnação/desencarnação é o currículo anterior do Espírito que, sendo bom, deve ter planejado a sua vida na Terra para poucos anos, mesmo porque o Espírito mais avançado não mede suas experiências pela extensão no tempo, mas pela profundidade com que elas são vividas.

Difícil para os familiares e os amigos, que lamentam a sua desencarnação precoce, muitas vezes, inconformados! Mas, geralmente, quando encarnados, não sabemos aquilatar o que está atrás de tudo isso, de modo que a nossa tristeza se justifica apenas porque o queremos fisicamente perto de nós e não levamos em consideração que, mesmo dolorosa, essa inesperada partida foi de inestimável valor para sua evolução espiritual.

PALAVRAS AOS JOVENS

"Um tipo raro de coragem: saber silenciar no momento da tentação de incomodar ou ferir aos outros".

Jaks Aboab

EDUCAÇÃO E REENCARNAÇÃO

Gládis Pedersen de Oliveira

A fase da infância, quando o Espírito é mais acessível às impressões, é propícia à reforma das más tendências trazidas de encarnações anteriores.

A ciência atual - ainda contaminada pela visão reducionista do materialismo - apresenta o homem fadado a um determinismo biológico que justificaria suas tendências e atitudes. Tal posicionamento, de certa forma, tende a isentá-lo de responsabilidades morais sobre seus atos.

Entretanto, ao analisarmos o Ser humano sob a ótica espírita, compreendemos que ele não está escravizado por um determinismo biológico, nem depende exclusivamente dos automatismos químicos do cérebro, como também não é fruto, unicamente, de sua constituição neuronal.

NEURÔNIOS X CONSCIÊNCIA

A consciência é um patrimônio do Espírito imortal. Ela confere ao homem a lucidez, o livre-arbítrio e o discernimento. No dizer de Joanna de Angelis - na mensagem "Neurônios e Consciência", psicografada por Divaldo Franco, aos 18/11 / 1997 em Porto Alegre -, *a mente é faculdade espiritual: ela pensa sem o cérebro*. Tanto assim é que a mente pode comunicar-se liberta do corpo físico, evidenciando que dele independe. Os processos bioquímicos são destituídos de discernimento para gerar idéias e selecioná-las; sem o Espírito que intelectualiza a matéria, o corpo carnal não funciona. As conquistas evolutivas do Espírito são impressas nos neurônios através de processos bioquímicos propiciados pelo perispírito, elemento que promove a conexão mente com o corpo. Pondera, ainda, a referida mentora espiritual, que a harmonia ou a instabilidade emocional, psíquica ou orgânica, procede do Espírito que a imprime na sua constituição biológica. Analisando a questão 367 de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, fica claro que a matéria é apenas um envoltório do Espírito e que este conserva os atributos da natureza espiritual. Na questão 369, lemos que os órgãos físicos são "os instrumentos

da manifestação das faculdades da alma, manifestação que se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos órgãos..." Conclui-se daí que o corpo físico pode cercear, em maior ou menor grau, o exercício das faculdade do Espírito reencarnado. Todavia, não são os órgãos que dão as faculdades; estas é que impulsionam o funcionamento deles. Allan Kardec esclarece que, se nos órgãos do corpo físico estivesse o princípio das faculdades, o homem seria simples máquina, sem livre-arbítrio e, conseqüentemente, sem responsabilidade sobre suas ações. No capítulo IX de **O EVANGELHO SEGUNDO DO ESPIRITISMO/FEB** (item 10), deparamo-nos como posicionamento muito claro de Hahnemann (Espírito): "*Segundo a idéia falsíssima de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa-vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando Deus, dessa forma, de*

EDUCAÇÃO

suas próprias faltas. É ainda uma conseqüência do orgulho que se encontra de permeio a todas as suas imperfeições". A mensagem se encerra com a conclusão de que vícios e virtudes são inerentes ao Espírito.

INFÂNCIA

O objetivo da vida física é o aperfeiçoamento do Espírito. No período da infância, o Espírito é mais acessível às impressões que recebe, conforme informa a questão 383 d'**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**. É nessa fase que se lhe pode reformar o caráter e minimizar os pendores negativos desenvolvidos em encarnações anteriores. Essa função educativa é dever dos pais ou dos adultos responsáveis pelo reencarnante durante o período da infância, tarefa esta de que terão de prestar contas no futuro.

Emmanuel - no livro **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS**, cap. "ESQUECIMENTO E REENCARNAÇÃO", psicografado por F. C. Xavier, ed. FEB - apresenta mui claramente a questão da importância do período infantil no processo reencarnatório como fase propícia à formação de uma personalidade mais sadia e equilibrada, afirmando:

"Encetando uma nova existência corpórea (...) a criatura recebe (...) implementos cerebrais completamente novos, no domínio das energias físicas, e, para que se lhe adormeça a memória, funciona a hipnose natural como um recurso básico..."

"... há prostração psíquica nos primeiros sete anos de tenra instrumentação fisiológica dos encarnados, tempo em que se lhes reaviva a experiência terrestre.

"Temos, assim, mais ou menos três mil dias de sono induzido ou hipnose terapêutica, a estabelecerem enormes alterações nos veículos de exteriorização do Espírito, as quais, acrescidas às conseqüências dos fenômenos naturais de restringimento do corpo espiritual, no refúgio uterino, motivam

o entorpecimento das recordações do passado, para que se alivie a mente na direção de novas conquistas".

Emmanuel ensina, ainda, que a criança deve ser provida de novos conceitos e pensamentos positivos acerca de si própria. Na adolescência, o Espírito "acorda" gradativamente em situação transformada, retomando a herança de si mesmo. Com a eclosão das secreções epifisárias, surge o caráter real da individualidade espiritual revelando traços psicológicos de vidas anteriores. Se na fase da infância ocorrer uma educação baseada em sólidos princípios morais, em exemplos edificantes por parte dos adultos, haverá, por certo, melhores condições de o Espírito reencarnado superar suas dificuldades e tendências negativas do passado remoto e, assim, apresentar mais segurança no enfrentamento dos desafios da nova jornada reencarnatória, tomando-se um adulto equilibrado e saudável.

EDUCANDO AS EMOÇÕES

Daniel Golemann, psicólogo norte-americano - no seu livro "**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**" (57ª edição) - dentro de uma abordagem convencional, defende tese sobre a mente humana e a sua incapacidade de lidar com as emoções, destacando que a razão não é a única responsável pela crise emocional que a Humanidade atravessa. Ressalta, outrossim, a importância do período da infância para a estruturação de uma personalidade sadia e a responsabilidade dos pais no envolvimento emocional e educacional dos filhos. Escreve:

"A primeira oportunidade para moldar os ingredientes da inteligência emocional é nos primeiros anos de vida... As aptidões emocionais que, posteriormente, as crianças adquirem, formam-se em cima daquelas apreendidas nos primeiros anos e são o alicerce essencial de todo o aprendizado

"... os bebês que vêm de lares soturnos, desordenados, desleixados, provavelmente passem a vida com uma perspectiva pessimista.

"A aptidão fundamental para a criança aprender depende da boa estrutura emocional dos primeiros anos da infância".

Como se percebe à primeira vista, as atualíssimas conclusões de Golemann aproximam-se bastante do posicionamento da Doutrina Espírita sobre a infância.

Seu livro ressalta, ainda, a conveniência de serem estruturadas aptidões fundamentais para um bom desenvolvimento da inteligência emocional, como:

Confiança - senso de controle e de domínio sobre o próprio corpo, comportamento e mundo;

Curiosidade - sensação de que descobrir coisas é positivo e dá prazer;

Intencionalidade - desejo e capacidade de causar impacto e de explorar isto com persistência, sensação de ser competente, eficiente;

Autocontrole - capacidade de moldar e controlar as próprias ações de forma apropriada à sua idade;

Relacionamento - capacidade de entrosar-se com os outros, sentir-se aceita e compreendida;

Capacidade de comunicar-se - verbalmente trocar idéias, partilhar sentimentos e concepções com os outros;

Cooperatividade - capacidade de harmonizar as próprias necessidades com as dos outros nas atividades grupais.

Os ingredientes dessa aptidão fundamental, segundo Golemann, devem ser estruturados até os seis ou sete anos de idade, coincidindo com os três mil dias do início do processo reencarnatório citados por Emmanuel.

Continua Golemann:

"Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm um subtexto emocional e,

com a repetição destas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de suas perspectivas e aptidões emocionais.

"Os três ou quatro primeiros anos de vida são um período em que o cérebro da criança cresce até cerca de dois terços do seu tamanho final, e evolui em capacidade num ritmo que nunca mais voltará a ocorrer. É nesse período, mais do que na vida posterior, que os principais tipos de aprendizagem ocorrem mais facilmente, e a aprendizagem emocional é a mais importante. O impacto causado por este primeiro aprendizado é profundo". Considera-se hoje que a educação dos filhos começa na época em que os pais eram crianças, isto é, na maneira pela qual os pais atuais foram educados, pois a tendência é repassar as experiências vividas. As considerações acima ressaltam a importância de uma mudança de atitude em relação à educação dentro e fora do lar. Temos que preparar a criança e o jovem para a formação da família - para a maternidade ou a paternidade consciente e responsável.

PROCEDIMENTOS EDUCATIVOS

Ante o exposto, faz-se óbvia a conclusão de que devemos, por todos os meios possíveis, investir na educação dos sentimentos do Espírito imortal que retoma ao palco da vida física. Urge, pois, que - no Movimento Espírita - sejam implementadas atividades voltadas à capacitação dos pais para a educação equilibrada dos filhos. O Centro Espírita, como escola, deve priorizar atividades educativas que visem à conscientização de seus freqüentadores sobre o alto significado da reencarnação como oportunidade de aprimoramento do Espírito. Na verdade, a figura do pai ou a da mãe e o seu envolvimento com as diversas etapas do desenvolvimento do filho são fundamentais para a estruturação da nova personalidade. Os pais devem procurar estabelecer, em conjunto, os valores

EDUCAÇÃO

a serem cultivados na educação dos filhos e escolher as ações educativas indispensáveis a um harmonioso desabrochar dos seus rebentos, conscientes de que lidam com Espíritos imortais que carecem de direcionamento seguro para melhor aproveitarem as oportunidades de evolução propiciada pela misericordiosa e sábia lei da reencarnação.

À luz dos ensinamentos espíritas, a paternidade e a maternidade devem ser exercidas com muito afeto.

Todavia também com o estabelecimento de limites claros para a criança.

Dentro de uma perspectiva de educação espiritual, o Centro Espírita, por meio da Escola de Evangelização, pode oferecer um grande apoio à difícil e delicada tarefa dos pais.

Entretanto, vale lembrar que o engajamento efetivo dos pais na evangelização de seus filhos, reforçando o ensino ministrado pelos evangelizadores e respaldando a assistência propiciada pela Espiritualidade Maior, é atitude educativa que garante uma repercussão profunda na educação moral do Espírito reencarnado, tanto na fase infantil quanto na juvenil.

EVANGELIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

FONTE
A REENCARNAÇÃO Nº 416

EDUCAÇÃO INTEGRAL E ESPIRITUALIDADE

“A vida é permanente, a oportunidade se repete, mas o tempo de hoje não mais voltará”.

Vianna de Carvalho

“Sofrimento é a pausa que o tempo nos concede para refletir”.

Adelino de Carvalho

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.